

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MEMORIAL ACADÊMICO

Joelma Fabiane Ferreira Almeida

Projeto de Tese:

Compartilhar para criar: itinerâncias do processo formativo de docentes da educação básica ao criarem atos de currículo na cibercultura

Linha de Pesquisa:

Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais

Projeto de Pesquisa:

Análise de dados em pesquisa formação na cibercultura

Orientadora: Professora Dra Edméa Santos

Rio de Janeiro, 21 de abril de 2016.

MEMORIAL ACADÊMICO

Joelma Fabiane Ferreira Almeida

Ao longo da minha vida de estudante, pude conviver com professores de diversas escolas. Fui estudante de escolas públicas, escolas particulares e de colégios militares e na graduação, também fui aluna de universidades das esferas públicas e particulares. Assim, pude vivenciar diferentes realidades. Mas, independente de onde estudava, sempre me chamavam atenção os meus professores, ao ponto de me imaginar como alguns deles quando brincava de dar aula para alunos imaginários no pátio da minha casa. Cresci vendo minha mãe, tias e primos se formando professores das mais diversas áreas e escutando os relatos de seus cotidianos quando nos reuníamos para os almoços de domingo.

Início meu memorial acadêmico com uma memória do passado ressignificada pelo presente porque não consigo precisar o momento exato em que comecei a me envolver com a educação. É como se a história da minha vida também contasse a minha história profissional. Acredito que as aulas que dava para aqueles alunos imaginários já me formavam professora. Adorava brincar naquele universo de giz, apagador, cadernos e cartilhas. Anos mais tarde, em contato com os estudos sobre formação docente, tecnologias, cultura e educação, me deparei com autores e concepções que me ajudaram a dar novos sentidos a esse interesse que mesmo sem perceber, me tomava os pensamentos. Pude também desconstruir algumas ideias acerca do que é ser professor e da presença cada vez mais marcante das tecnologias na sociedade. O docente não deve ser aquele que coleta e repassa informações, mas sim o que pesquisa, produz e compartilha conhecimentos. E as tecnologias, um dia podem até ter sido meras ferramentas para o uso pedagógico, mas atualmente constituem parte fundamental do híbrido humano-tecnologia que forma a cultura das sociedades em rede. E assim, minha escolha profissional não se baseou em prestígio social ou na busca pela riqueza, mas na opção por uma atividade que me completasse. E hoje percebo o quanto preciso da docência para essa “completude”.

Ainda jovem, aos 16 anos, ingressei no curso de Tecnólogo em Processamento de Dados, hoje chamado Sistemas de Informação, no Centro de Ensino Superior do Pará (CESUPA), na esperança de me formar numa área promissora, que eu acreditava que de alguma forma mudaria o mundo. Terminei o curso com a apresentação de uma monografia sobre ergonomia de software e já formada, trabalhei, entre estágios e contratos, por dois anos como analista de sistemas, mas sentia que faltava algo. Gosto muito de lidar com as tecnologias digitais até hoje, mas naquela época, percebi que só isso não me completava. Faltava mais contato humano. Foi então que em 2001, lembrando em especial de um professor de Matemática bastante tradicional que tive, decidi cursar

Licenciatura em Matemática no Instituto Federal do Pará (IFPA). Durante o curso, vivi minhas primeiras experiências como professora nos importantes estágios que fiz em escolas estaduais, municipais, federais e nas que atendiam alunos com necessidades educacionais especiais, dos tipos visual, auditiva e cognitivas.

É importante frisar que nunca abandonei o que aprendi na minha primeira graduação e durante a licenciatura, sempre buscava formas de envolver o uso de tecnologias na docência. Foi quando em 2002 ingressei na especialização *latu senso* da Universidade do Estado do Pará em Informática e Educação. Assim, passei um ano e meio me dedicando aos estudos sobre o uso de tecnologias como ferramentas pedagógicas e sempre que possível, tentava praticar na licenciatura, fosse nos estágios ou nos eventos promovidos pelo IFPA, o que estava aprendendo na especialização. Foi também na especialização que pude perceber com mais propriedade os primeiros passos de uma pesquisa de campo. Daí finalizei em 2003 essa etapa com a defesa de uma monografia sobre o uso do software Cabri Geometre II na educação básica e em 2004, minha segunda graduação, com a defesa de um trabalho sobre a teoria da geometria de Van Hiele.

A partir de 2005, disposta a conhecer a vida em diferentes cidades brasileiras, comecei minhas andanças Brasil à fora e tive o prazer de trabalhar como docente em cada um dos lugares onde morei. Começando em 2006, na cidade de Marabá, fui aprovada no concurso público para professora substituta do colegiado de Sistemas de Informação da Universidade Federal do Pará, campus Marabá. Durante os dois anos que trabalhei por lá com disciplinas como *Sociedade e Informática, Empreendedorismo e Informática, Metodologia da Pesquisa, Sistemas Operacionais e Arquitetura de Computadores*, atuei também no colegiado de Matemática como professora convidada para ministrar a disciplina *Informática e Educação Matemática* e fui tutora do curso de Licenciatura em Matemática à distância.

No mesmo período atuei na Faculdade Metropolitana de Marabá como docente de cursos superiores de *Sistemas de Informação e Redes de computadores*, presenciais e a distância, além de assumir turmas do ensino fundamental e médio na Escola Madre Celeste de Marabá, onde era responsável pela disciplina de Matemática e pelo Laboratório de Informática. Nesse período pude aprender muito sobre a docência no ensino superior tanto na modalidade presencial, quanto na EAD, atuando em cursos da Computação e na formação de professores de Matemática, com disciplinas e com orientações de trabalhos de conclusão de curso, além de participar de várias bancas de defesa de monografia. Mas vieram outras implicações e dilemas e então percebi a necessidade de me envolver mais intrinsecamente com a pesquisa e aprofundar meus conhecimentos acerca não mais do uso das tecnologias na educação, mas sim sobre seu papel nesta área. Uma das perguntas que afloraram em meus pensamentos foi “como a gente aprende a ser

professor que forma e se forma na cibercultura?”

Foi então que em agosto de 2009 iniciei o Mestrado em Educação na Universidade Federal da Paraíba, na cidade de João pessoa, minha nova morada. Nessa jornada fui aluna da linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação e integrei o grupo de pesquisa Cultura Digital e Educação liderado pela minha então orientadora Professora Dra Edna Brennand. No mesmo período, recebi e aceitei o convite para atuar como mediadora do curso de Licenciatura em Pedagogia a distância da UFPB. Não tenho dúvidas de que vivi momentos maravilhosos, de muito aprendizado sobre as artes de ser docente e fazer ciência. Destaco aqui como culminância de um desses momentos a escrita coletiva do livro “Formação Docente e Tecnologias Digitais”. Uma obra escrita, com muito carinho e dedicação, por cada pesquisador do grupo, onde pude narrar duas importantes construções teóricas que compuseram parte da itinerância da minha pesquisa, em dois capítulos, a saber: “Mediação pedagógica no ambiente virtual de aprendizagem Moodle: questões sobre usabilidade” e “A Educação a distância na era da sociedade em rede”.

No entanto, considero o momento mais importante do meu mestrado a escolha do tema de pesquisa. Ao atuar como mediadora observei que, ao se deparar com os desafios de agir frente às particularidades que o ciberespaço evoca ao contexto educacional, os aprendentes buscavam, no material didático do Curso, a saída para enfrentar seus dilemas. Não que a recorrência ao material fosse a única tentativa de superar as dificuldades buscadas pelos alunos, mas foi visível que ela configurava como a principal, a primeira a ser praticada. A pesquisa focou nas situações didáticas e nas perspectivas de interação subjacentes ao material didático de Matemática produzido pelo Curso de Pedagogia da UFPB Virtual. Meus estudos concentraram-se na forma de disseminação do saber a distância, através do material didático, na perspectiva de analisar não só as estratégias cognitivas, mas também as possibilidades de interação presentes nas atividades propostas nesse material.

O diferencial da pesquisa é que ela reuniu, em um único estudo, a análise do material impresso, das videoaulas e dos objetos de aprendizagem, mediante relatos dos principais sujeitos envolvidos nas suas produções: professores, alunos e integrantes da equipe de produção. Ao participar do processo ora mediando as interações no AVA, ora observando o trabalho da equipe de produção, ora registrando as narrativas dos docentes e dos discentes sobre suas coautorias na produção do material didático, pude perceber mais intimamente o processo formativo de cada um desses sujeitos.

Além da pesquisa bibliográfica que me deu a possibilidade de conhecer alguns autores com quem trabalho até hoje, a participação no grupo Cultura Digital e Educação possibilitou contato com autores que até então não conhecia, mas que tornaram-se fundamentais para dar suporte teórico às questões sobre Educação que eu já vinha observando desde minha estreia como docente. Tive

também a oportunidade de cursar uma disciplina no programa de Mestrado em Comunicação e assim estender meus olhares e horizontes acerca das teorias sobre os símbolos midiáticos e suas influências na produção de material didático para EAD.

Do ponto de vista metodológico, despendi um enorme esforço e dedicação ao aprendizado da técnica de análise de conteúdo, ao me tornar ouvinte do grupo de pesquisadores do programa de pós-graduação em Psicologia da UFPB. Lá, tive a oportunidade de praticar e aprender o processo árduo e minucioso da análise temática de conteúdo fundamentada em Bardin para posteriormente aplicá-la a minha pesquisa de mestrado. Os resultados foram surgindo ao longo de todo o processo e culminaram com participações em eventos e publicações em livros, anais e revistas. Até hoje tenho publicado artigos sobre a pesquisa que desenvolvi no Mestrado, como foi o caso por exemplo da comunicação oral que fiz no VIII Simpósio Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias na UERJ (junho de 2015) ao coordenar o GT “Processos formativos, desigualdades sociais e os movimentos sociais”.

Ao término do mestrado, retornei a minha cidade natal, Belém do Pará, e por lá recebi e aceitei o convite para atuar como professora-formadora do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, pelo Instituto de Matemática da Universidade Federal do Pará (UFPA). Durante os dois anos de atuação nesse programa, trabalhei com formação de professores de Matemática nas disciplinas *Instrumentação do ensino da matemática* e *Álgebra linear*, organizei projetos de ação de extensão em dois municípios paraenses, fui orientadora de trabalhos de conclusão de curso e tive a honra de compor algumas bancas de defesa (figuras 1 e 2).



Figura 1: Turma de Licenciatura em Matemática UFPA -PARFOR – Cametá/PA



Figura 2: Ação de Extensão – Feira de Matemática da Turma de Licenciatura em Matemática UFPA -PARFOR – Cametá/PA

Posso dizer que esta foi uma das experiências que mais marcaram minha trajetória docente até hoje. Cruzei caminhos onde os rios eram minhas ruas, para conhecer e vivenciar de perto a realidade de professores da educação básica (muitos há muito mais tempo na docência que eu) que atuavam em comunidades ribeirinhas e/ou rurais do imenso Pará, mas que ainda não tinham vivenciado a formação superior galgada em uma universidade.

Lembro como se fosse hoje, em meu primeiro encontro com a turma de Licenciatura em Matemática do Município de Cametá, os relatos emocionados de cada aluno sobre o momento em que souberam de sua aprovação para o curso superior e suas expectativas futuras. Com eles, aprendi a amar ainda mais a missão de ser educadora e a encarar a realidade como ela é, buscando o que há de disponível e de bom para usarmos em nossas práticas docentes, ainda que as teorias pareçam muito distantes das práticas possíveis nesses lugares. Não que abandonássemos as lutas por melhorias na educação brasileira, mas ao formar, pude aprender que não há fundamento em usar as lamentações para justificar práticas docentes descompromissadas com a formação de qualidade.

No mesmo período, também recebi e aceitei o convite para ser formadora pelo Centro de Capacitação da UFPA e em Belém ministrei os cursos de “Formação de tutores” e de “Novas tecnologias na educação”, voltados para servidores públicos paraenses (Figura 3). Foi mais uma importante experiência com formação, pois ainda que houvessem alunos servidores-técnicos, a maioria eram professores de escolas públicas e de universidades. Em paralelo, aceitei o convite para compor várias bancas de defesa de monografias de cursos de especialização do SENAC-PA. Em todas elas, pude compor a avaliação de pesquisas nas áreas de tecnologia e educação, cibercultura, EAD e educação profissionalizante.



Figura 3: Curso de Capacitação “Novas Tecnologias na Educação” - UFPA -CAPACIT – Belém/PA

Em meados de 2013, em busca de maior estabilidade profissional, me submeti ao concurso público para docente efetivo do Colégio Pedro II (CPII), no Rio de Janeiro, e consegui a aprovação, em primeiro lugar, para atuar como Docente de Informática Educativa na educação básica, técnica e tecnológica desta importante instituição. E desde minha posse, já atuei na educação infantil e hoje atuo no ensino fundamental, como Coordenadora Pedagógica da Informática Educativa do Campus Engenho Novo I e na supervisão de estagiários do ensino médio profissionalizante de Informática. Tenho contribuído também com o Programa de Residência Docente oferecido pelo CPII a professores das redes públicas estadual e municipal do RJ, ministrando palestras e oficinas sobre formação docente, cibercultura e tecnologias digitais na educação (figura 4).



Figura 4: Oficina “Uso pedagógico de Tablets na Educação Básica” - CPII -Seminário de Informática Educativa – Rio de Janeiro/RJ

Após todos os últimos anos atuando na educação superior, o retorno à educação básica me veio como um forte chamado para voltar meus olhares às necessidades educacionais cotidianas de um nível de educação ainda extremamente carente de melhorias. Apesar de ter ciência de estar numa instituição que apresenta condições privilegiadas de trabalho, o fato de estar lá, já me faz pensar na educação básica brasileira como um todo. E assim, tenho me envolvido cada vez mais com questões sobre a docência nas escolas.

Almejando a busca de novos conhecimentos sobre docência e cibercultura, em agosto de 2014 comecei a participar como ouvinte das reuniões semanais do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC) da UERJ, coordenado pela Professora Dra. Edméa Santos. Sempre buscando um mergulho com todos os meus sentidos nos momentos de encontro do/com o grupo, me preparei para o processo seletivo do Doutorado e consegui a aprovação para as turmas de 2016. Desde então, tenho vivenciado momentos de trocas de saberes e aprendizado intenso sobre

pesquisa-formação na cibercultura. E não somente na perspectiva cognitiva, mas como pessoa também tenho crescido e amadurecido social, política e culturalmente.

No grupo conheci o trabalho incrível que vem sendo desenvolvido por seus pesquisadores e percebi que quase todos os trabalhos têm acontecido no âmbito da educação superior. Mas, para além dos contextos das pesquisas, quero ressaltar a importância de ter acompanhado qualificações, defesas e conquistas do grupo, além de ter conhecido autores fundamentais para minha formação e o amadurecimento das questões sobre formação docente que têm me acompanhado ao longo da minha jornada como educadora (figura 5).



Figura 5: Encontro do GPDOC/UERJ no Seminário Redes 2015 – Rio de Janeiro/RJ

A pesquisa que pretendo realizar no Doutorado apresenta aproximações e afastamentos da pesquisa que realizei anteriormente, no Mestrado. O objetivo principal é analisar a formação do docente no contexto da cibercultura com foco na maneira como este vem estruturando sua atuação na educação básica. A principal aproximação que dá o tom de continuidade relaciona-se à inserção no mesmo campo dos estudos sobre formação docente e cibercultura. Sobre o afastamento, posso dizer que, devido minha aprovação no concurso do Colégio Pedro II, se configura pela mudança do foco na educação superior, sobretudo na EAD, para a Educação Básica.

Além disso, se no Mestrado desenvolvi uma pesquisa exploratória, no Doutorado pretendo desenvolver a pesquisa-formação, não somente pelo seu caráter inovador, mas pela possibilidade de vivenciar o/no cotidiano da formação dos sujeitos (praticantes) envolvidos na pesquisa, o sentido do pesquisar-com e na ação. Acredito que minha pesquisa possa vir enriquecer ainda mais o trabalho do GPDOC, ao estudar a pesquisa-formação na cibercultura, no âmbito da educação básica desenvolvida por uma importante e reconhecida instituição federal de ensino.

Seja como for, trabalhos finais de curso, monografias, dissertação, orientações de trabalhos

finais de cursos e a futura pesquisa de doutorado, para além de aproximações temáticas e teóricas, todos guardam um ponto em comum: surgiram da minha implicação com questões imbricadas sobre tecnologias digitais e Educação. Espero que as perguntas que levo comigo continuem aguçando o desejo pela pesquisa e pela produção de conhecimento. Posso dizer que hoje não só trabalho como professora, mas busco em todos os meus esforços de labuta e estudo contribuir para uma formação docente cada vez mais reconhecida por sua qualidade e relevância social.

Joelma Fabiane Ferreira Almeida